

O EDUCADOR CRIADOR NO CONTEXTO DA PROMOÇÃO DA CULTURA DE PAZ: REVENDO IDENTIDADES SEM PERDER A ESPERANÇA

Verônica Salgueiro do Nascimento – UNIFOR (vsalgueiro@unifor.br)
Kelma Socorro Lopes de Matos - FACED/UFC (kelmatos@uol.com.br)

1. INTRODUÇÃO

O trabalho do professor passa atualmente por várias transformações. Tal indicativo gera um conjunto de fatores que interferem na produção da identidade docente. Elegemos como pressuposto teórico o conceito de identidade como produção social que está em constante processo de transformação (CIAMPA, 1987).

A pesquisa foi realizada em uma escola particular do Município de Fortaleza, Ceará que utiliza uma metodologia inovadora centrada no princípio da promoção da cultura de paz. Empreendemos entrevistas com a direção, coordenação e professores. Outro recurso de pesquisa utilizado foi a observação em sala de algumas aulas da oitava série. Estabelecemos como objetivo dessas observações o acompanhamento do trabalho de professores nessa metodologia não tradicional e suas repercussões na relação de ensino e aprendizagem.

Identificamos na prática dos docentes acompanhados durante a pesquisa, que construir a paz é um exercício diário e permanente, assim como o ofício de viver. Esta prática também significa uma transformação efetiva na forma de percepção de interdependência a qual o ser humano encontra-se inserido. Inclui o desenvolvimento de valores que irão servir de norte para a construção de habilidades como ouvir o outro, lidar com os conflitos, reconhecer na diversidade da expressão das falas uma rica possibilidade de estabelecer um diálogo no qual se relacione gentilmente com o diferente.

Acreditamos que a experiência investigada ilustra uma nova via para transformar a escola num ambiente mais acolhedor e humanizado onde o aspecto da criatividade seja o mediador para a construção do conhecimento e para a edificação das relações humanas. Esse movimento é uma importante iniciativa que precisa ter continuidade, pois aprender a viver em paz é, basicamente, um exercício de criação e de transformação.

2. ESTUDOS SOBRE CULTURA DE PAZ

Atualmente, de acordo com Milani (2000), podemos perceber o incremento da ação de vários atores sociais, o que contribui para o alcance de uma maior visibilidade ao tema da promoção de uma Cultura da Paz. “A paz deixou de ser um ideal abstrato nutrido por um punhado de sonhadores e poetas; tornou-se uma necessidade concreta para a maioria da população e meta prioritária para os governantes.” (MILANI, 2000, p. 51).

Consideramos como um ponto primordial a ser desenvolvido neste trabalho, a exploração da polissemia inerente ao conceito de Paz e, conseqüentemente assumir, a postura problematizadora acerca da idéia de Educação para a Paz. Como afirma Guimarães (2004), esta educação revelou-se como um campo plural. Ele indica a

possibilidade de se falar em educações para a Paz. Acrescenta, ainda, que abordar o conceito de Paz significa evocar um universo, ao mesmo tempo, plural e conflitivo.

Adotamos a definição de Educação para Paz sistematizada por Jares, (2002; 2005). Ele descreve tal educação como um processo educativo, dinâmico, contínuo e permanente, fundamentado nos conceitos de paz positiva e na perspectiva criativa do conflito. Estes elementos são tidos como significativos e definidores, e que, mediante a aplicação de enfoques socioafetivos e problematizantes, pretende desenvolver um novo tipo de cultura: a Cultura da Paz.

Como assinala Jares (2002), a paz passa a ser um conceito negativo quando definida como ausência de conflito bélico ou apenas como estado de não-guerra. Além disto, associa-se também a este conceito a idéia de serenidade e passividade. Segundo esse autor, tal concepção é pobre, classista e interessada politicamente e até mesmo perversa, em certo sentido, pois mantém o *status quo* vigente.

O conceito de Paz positiva desenvolvido por Jares (2002) não é o contrário de guerra, mas sim o de sua antítese, que é a violência, dado que a guerra é apenas um tipo de violência e não o único. Esse conceito está relacionado à idéia de justiça social e de desenvolvimento, mas também aos conceitos de direitos humanos e democracia. Fica, então, o entendimento de que a paz é, portanto, um processo dinâmico que exige a participação da cidadania em sua construção.

Acredito, então, que através da tolerância, do acolhimento, da aposta no potencial dos sujeitos integrais, que somos nós e nossos jovens, sobretudo tendo como opção a “educação dialógica”, a prática pedagógica ético-amorosa, redescobriremos e criaremos espaços de afetividade e conhecimento, para a construção efetiva de uma cultura de paz nas escolas (MATOS, 2006, p. 174).

A partir do que foi exposto, devemos ainda salientar que educar para a paz requer a vivência da educação dialógica. Essa prática significa rompermos com o silêncio, pronunciando o mundo, ocupando o lugar de sujeitos críticos, capazes de promover transformações sociais, a partir do conhecimento dos processos dos quais homens e mulheres fazem parte (FREIRE, 2005a).

3. METODOLOGIA

A perspectiva adotada para o desenvolvimento da pesquisa e conseqüente parâmetro para definição dos instrumentos de investigação segue o enfoque qualitativo. Este se mostra como o mais adequado aos propósitos do presente trabalho. As metodologias qualitativas derivam da convicção de que a ação social é fundamental na configuração da sociedade (HAGUETE, 2000).

A abordagem qualitativa responde a questões particulares e preocupa-se com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ela trabalha com o universo de significados, motivações, crenças e valores, o que corresponde a uma dimensão relacional mais profunda, não apropriada a quantificações.

Dentre o universo de possibilidades de pesquisa relacionadas ao enfoque qualitativo, escolhemos o referencial da etnografia, mais precisamente o que na área da educação passou a ser nomeado como estudo do tipo etnográfico (ANDRÉ, 1995). Este se caracteriza pelo envolvimento e identificação do pesquisador com as pessoas pesquisadas. Ele também ajuda a romper paradigmas predefinidos e tradicionais como a regra do não envolvimento do pesquisador com o universo pesquisado. Neste caso, o

pesquisador é o instrumento principal na coleta e análise dos dados. Há também a ênfase no processo e não no produto ou nos resultados finais (ANDRÉ, 1995).

O instrumento escolhido, para o primeiro momento da pesquisa de campo, será a observação participante, com intuito de facilitar uma aproximação inicial de todo o universo da pesquisa e a construção de um grau maior de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo afetada por ela.

Num segundo momento, pretendemos organizar um grupo focal para explorar com mais riqueza e profundidade as experiências compartilhadas através das falas dos alunos. Em seguida, temos a intenção de complementar o trabalho do grupo focal com entrevistas intensivas para aprofundar as questões e esclarecer os problemas observados como também devo recorrer à análise de documentos para poder reforçar o trabalho de contextualização do fenômeno estudado, explicitando suas vinculações mais profundas, completando informações coletadas através de outras fontes.

O cenário da escola é o palco escolhido para encontrar os atores da pesquisa. A escola é aqui entendida como espaço de construção sociocultural (DAYREL, 1996), o qual é vivenciado por vários sujeitos sociais, que sofre também com as repercussões de toda dinâmica relacional estabelecida entre esses sujeitos. Temos acompanhado trabalhos implementados pela gestão de duas escolas, universo público e privado, do ensino fundamental. Julgamos as iniciativas muito inovadoras, merecendo assim o registro, acompanhamento e um estudo mais aprofundado sobre todo o projeto e seus resultados.

4. O EDUCADOR CRIATIVO: SITUAÇÕES COTIDIANAS NAS ESCOLAS RELACIONADAS À PROMOÇÃO DA PAZ

Consideramos importante o desenvolvimento de reflexões em torno do conceito de criatividade para se aprofundar conhecimentos a respeito da complexidade que o termo encerra. Etmologicamente esse conceito relaciona-se ao ato de criar, que significa “dar existência a, sair do nada, estabelecer relações até então não estabelecidas pelo universo do indivíduo, visando determinados fins” (NOVAES, 1972, p. 17).

Ostrower (1987) afirma ser esse aspecto inerente ao ser humano e aponta como necessário para este a realização de seu potencial criativo. Nessa direção, criar corresponde ao ato de atribuir uma forma a alguma coisa. Esse ato de criar envolve a perspectiva da comunicação, algo da exterioridade, e a perspectiva da realização, abrangendo aspectos expressivos de um desenvolvimento interior. Sobretudo, devo ressaltar que o ato de criar não deve ser restrito ao âmbito individual. “O contexto cultural representa o campo dentro do qual se dá o trabalho humano, abrangendo os recursos materiais, os conhecimentos, as propostas possíveis e ainda as valorações” (OSTROWER, 1987, p. 147).

Os processos educativos inerentes ao nosso contexto cultural privilegiam, sobremaneira, desde tenra idade, o domínio e o desenvolvimento do discurso falado e escrito (RENA, 2006) Ao refletir sobre a tarefa de promoção da paz, acredito ser indispensável incorporar à metodologia das ações educativas, outros canais comunicativos como alternativa de expressão. A fala dos participantes da pesquisa indica o caminho para a exploração dos recursos como os referentes às artes plásticas e dramáticas, como também a inclusão de técnicas como o desenho, a música, a dança, a dramatização etc, as quais, em alguns momentos, asseguram a expressão mais facilmente da realidade subjetiva. Figueiredo (2009, p. 58) reforça esse posicionamento ao afirmar que os recursos “como o humor, a comédia, a emoção, a alegria, o

entusiasmo, as habilidades teatrais, as dinâmicas de grupo favorecem os processos de discussões, os discursos dialógicos e a conseqüente instituição das perguntas”. Ao se perceber capaz de problematizar um tema, o jovem se percebe “capaz de fazer algo”, a condição de ser mais se efetiva.

O exercício da criatividade deve ser trazido para o cotidiano escolar por se tratar de uma importante chave de acesso a pontos do desenvolvimento humano que são constantemente negligenciados, a partir da lógica instrumental presente em muitas escolas que privilegiam o aspecto da racionalidade. Lubart (2007) assinala a condição positiva do papel desempenhado pela criatividade na vida cotidiana. Essa dimensão deve ser resgatada pelo contexto escolar, pois pode ajudar a resolver os conflitos oriundos, por exemplo, do trato relacional da convivência entre as pessoas.

A contribuição de Freire (2001, 2005c) oferece importantes elementos para subsidiar significativas reflexões a respeito do potencial criativo do ser humano e o contexto educativo. Em seu trabalho, o autor preocupa-se em definir características pertinentes ao desenvolvimento humano. Um desses traços, que relaciono à dimensão da criatividade, seria o que foi denominado pelo autor de inconclusão. “O inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento” (FREIRE 2005c, p. 51).

O homem como ser inacabado, não está pronto e por isso busca aprender. Essa é a essência da educação. “O homem se sabe inacabado e por isso se educa. Não haveria educação se o homem fosse um ser acabado” (FREIRE, 2001, p.27). O exercício de criar envolve a relação de ensinar e aprender que pressupõe a abertura para o novo. Nessa perspectiva os sujeitos (educando e educadores) se inventam em conjunto. Madalena Freire, filha de Paulo Freire afirma: “A matéria-prima a ser forjada, lapidada, como nós mesmos, junto com os outros, neste processo permanente pela beleza do conhecimento na busca da transformação, mudança *viva em vida*” (FREIRE, 2008, p.21).

Ainda de acordo com o pensamento freireano, não se pode entender o exercício da criatividade sem contextualizá-lo de maneira histórica e culturalmente. “Arte e cultura expressam, em si mesmas, provas definitivas da mudança, da capacidade de aprender, mas não se deslocam da história, do lugar, do contexto” (DEMO, 2000, p.62). Em outras palavras, o exercício criativo de que falo deve estar compromissado com a expressão da liberdade e a inclusão de todos na vivência do jogo democrático na perspectiva sempre de transformação de uma realidade social concreta. Não deve nunca significar um exercício de isolamento e reforçar o processo de alienação.

O’Sullivan (2004) demarca a necessidade de uma cultura que nos ajude a viver e proporcione atividades através da ênfase à multiplicidade e a criatividade e que esteja estreitamente ligada a cotidianidade da vida. Essa caracterização está muito próxima ao que se entende por cultura de paz que, no contexto atual, encontra-se num momento de maior visibilidade e de permanente construção. Mais uma vez, enfatizo a perspectiva trabalhada no decorrer desse texto de que a paz precisa ser construída, dessa forma para sua construção faz-se imprescindível ativar a dimensão da criatividade na tessitura desse novo. “A potência de agir (imaneente aos seres vivos) é aumentada pelas afetações dos bons encontros que não acontecem na repetição do mesmo, mas na alegria da criação” (ANDRADE, 2008, p.74).

Segundo Madalena Freire (2008) como seres geneticamente criadores por estarmos sempre buscando respostas, enfrentando dificuldades, atravessando crises, criando saídas. Nesse movimento o ser humano inventa a sua existência e cria sentidos para o seu estar no mundo. Com relação à prática docente pode-se afirmar que “Os educadores devem nos ajudar a entender a natureza desse processo criativo aguçando

nossas faculdades criativas e expondo-nos a uma grande variedade de criações culturais” (O’SULLIVAN, 2004, p.394).

Ressaltamos a importância deste encaminhamento, pois precisamos cada vez mais de **educadores criativos**, sujeitos na relação de construção de conhecimento, principalmente para que possam perceber os educandos também enquanto sujeitos criativos e não apenas como recipientes a serem depositados o conteúdos numa perspectiva clara de reprodução.

Com relação ao processo de formação do educador, Pacheco (2008, p.10) aponta a necessidade da criação de “dispositivos de autoformação cooperativa que rompesses com a cultura do isolamento e auto-suficiência que ainda prevalece em nossas escolas”. Nessa direção, compartilhamos as experiências vivenciadas na escola pesquisada que ressaltam o posicionamento de professores comprometidos com a criação e com o movimento dinâmico que a vida traz. Reforçamos também a necessidade de imprimir ações que favoreçam a troca de experiências e relações de cooperação entre os profissionais. Serão duas as situações em sala de aula compartilhadas no texto seguinte. As experiências trazem em comum o elemento da inovação, traduzida na flexibilidade e abertura para a criação.

4.1. Aula de Corpo

O grupo de alunos foi chegando de forma descontraída. Os alunos demonstraram intimidade com o espaço amplo e acolhedor. Naquele dia estavam presentes 15 alunos, do total de 19. O professor fez um círculo para iniciar os trabalhos. Realizou a chamada e logo após, explicou a razão de minha presença no grupo.

O professor retomou os trabalhos se dirigindo aos grupos formados. Eles estavam estudando os ritmos escolhidos pela própria turma, e ensaiando uma coreografia. O projeto de trabalhar o corpo foi eleito a partir de um planejamento onde o grupo optou pela dança. Cada equipe deveria definir qual o ritmo para elaborar uma pequena coreografia e também fazer uma pesquisa para apresentação no grupão em dia específico marcado com antecedência.

A turma foi dividida em quatro grupos com média de cinco participantes. Dois grupos estavam com os ensaios bem adiantados. O ritmo escolhido foi o mesmo, o do filme americano *High School Music*. O primeiro grupo composto só por meninos chamou-me atenção. Apresentou-se com surpreendente desenvoltura e envolvimento com a atividade. Muita ludicidade e descontração. Percebi também que não estavam preocupados em errar, isso facilitava a execução do exercício.

Os outros dois grupos mostraram um pouco de timidez e principalmente grande resistência em fazer a tarefa. O professor sugeriu a junção dos dois grupos em um só e pediu para que eles definam um ritmo. Ele se mostrou flexível em seu planejamento.

O docente se encaminhou para encerrar a aula, solicitou que todos formassem um círculo. O grupo apresentou muita dificuldade em ouvir, muita dispersão. Ele teve que falar repetidas vezes. Senti a falta de um exercício de respiração para que os estudantes pudessem se acalmar um pouco, desacelerar.

O professor retomou a temática da paz e perguntou como é possível promovê-la através da arte, da música. Um educando rapidamente respondeu que se pode tudo através da arte. Ele então pediu uma música sobre a paz, o grupo afirma que são mais divulgadas as músicas com mensagens de violência, que isso é mais comum. Mesmo assim, eles conseguem lembrar do que chamaram de “rap da paz”, na realidade, o título oficial é “rap da felicidade”.

Do acompanhamento desta experiência ressaltamos a boa acolhida do professor facilitando a exploração do tema da pesquisa. Foi extremamente criativa a forma que rapidamente relacionou a temática da promoção da paz com a sua disciplina, colocando em prática a perspectiva transdisciplinar estabelecida como filosofia de trabalho na escola. Enfatizamos também a ótima receptividade por parte do professor e da turma, ficamos realmente animadas com o início dos trabalhos. Houve também o convite para participar de outras aulas e da apresentação final dos grupos. Pudemos interagir com todos os integrantes da turma e estes já ficaram um pouco mais conhecedores sobre o estudo.

Foi perceptível na conduta do professor a sua desenvoltura, atuando como sujeito capaz de criar e de estabelecer relações criativas com os educandos. A seguir apresentamos uma outra experiência de observação em sala de aula com o professor de Filosofia.

4.2. Aula de Filosofia

A coordenadora nos recebeu calorosamente e nos conduziu à sala onde aconteceu a aula de filosofia. Apresentou-nos ao professor e falou rapidamente sobre a pesquisa. Pedimos autorização para observar sua aula. O docente não colocou qualquer obstáculo sobre nossa presença em sala de aula abrindo espaço para que fosse realizada a observação no contexto de ensino.

Foi o primeiro contato com o espaço físico formal da sala de aula, pois a observação anterior (aula de corpo) tinha sido no salão. Há um quadro branco com uma boa extensão. Nele estava escrito: “A Filosofia é um esforço intelectual do pensamento”. Ao lado do quadro, quase no canto da sala fica uma pequena mesa para o professor e junto desta fica um armário onde estão guardados materiais de trabalho de uso coletivo (cartolina, pincéis para o quadro branco, papel madeira, dentre outros).

Os educandos nos reconheceram, uns acenaram com a cabeça, outros com as mãos. Estavam agitados, após o retorno do recreio. É um desafio para o professor fazer com que a turma entre num clima que permita o exercício do questionamento, do debate e da escuta.

O ponto de partida da aula foi a retomada do que foi solicitado para ser feito em casa, ou seja, pensar sobre a questão: como sei e provo que estou vivo? Os educandos começaram a expressar seus pensamentos, houve dificuldade para que escutassem uns aos outros. Muitos falavam ao mesmo tempo e paralelamente. O assunto pareceu mobilizar todo o grupo.

O professor atuou como mediador ensinando e aprendendo sobre a importância do respeito pela opinião do outro, a tolerância com o diferente e o exercício da fala e da escuta. Todas essas dimensões ainda pouco vivenciadas nos contextos educacionais, mas extremamente necessárias ao exercício democrático e ao desenvolvimento mínimo do verdadeiro cidadão. Todos os elementos descritos nessa aula apresentam-se em concordância com a proposta da cultura de paz.

Observando este momento, percebemos o quanto é necessária ao professor a habilidade de lidar com grupos e saber facilitar os trabalhos em grupo. “O professor aparece como o coordenador de um diálogo entre pessoas a quem se propõe construir juntas o saber solidário a partir do qual cada um ensina e aprende” (BRANDÃO, 2008, p.77). Houve uma boa participação, os educandos interagiram entre si e comentaram as respostas dos outros colegas. Ele adotou o papel de provocador e colocou mais questionamentos fazendo assim que os educandos sejam questionados em suas certezas.

A intenção é que consigam chegar a um importante ponto: “Desbanalizar o banal”, ou seja, que possam desenvolver a capacidade de estranhamento, de desnaturalizar os fatos. Foi extraordinário esse encaminhamento e revelador de um compromisso com o lugar da crítica que leva o educando a romper com a reprodução, pressuposto básico para que o exercício da criação seja efetivado.

Ao final das observações em sala foram verificadas concretamente iniciativas significativas na direção da construção da identidade do educador como alguém capaz de inovar e propor situações de ensino e aprendizagem de forma dialógica e atenciosa às falas dos educandos.

5. Considerações Finais

Paulo Freire (2007) afirmou que a educação é um ato político, poderia dizer o mesmo sobre a escrita, ou seja, esta também é um ato político. O texto que escrevo demarca uma clara opção e traduz aquilo em que acredito e pelo que me mobilizo esperançosamente para construir. Compartilho com o posicionamento de Freire quando se refere a sua própria história de vida entrelaçada com a de seu trajeto profissional, quando afirma não escrever apenas porque lhe dá prazer, mas principalmente por sentir-se comprometido com o que escreve e também por querer que os outros acreditem “de que o sonho ou os sonhos de que falo, sobre o que escrevo e por que luto valem a pena ser tentados” (FREIRE, 2007, p.17).

Entendo que promover a cultura de paz é, em síntese, promover condições concretas para que o ser humano possa se constituir realmente humano (e não pedra) em toda a sua plenitude; com todas as contradições possíveis que o exercício da convivência humana contempla. Em outras palavras, é poder assegurar a cada um, a cada uma, condições plenas de se dizer, de se perceber na relação consigo mesmo, com o outro, com os outros, com outras culturas, com o planeta e com o que transcende a materialidade da vida.

Para muitos, o tema causa uma reação de descrença ou de no mínimo estranheza. Para estes, afirmo que me valho da utopia, na concepção freireana, que me mobiliza esperançosamente e que me impulsiona ir adiante e engajar-me no movimento de construção de um outro mundo possível (BOFF, 2006).

A luta pela paz, que não significa a luta pela abolição, sequer pela negação dos conflitos, mas pela confrontação justa, crítica dos mesmos e a procura das soluções corretas para eles é uma exigência imperiosa de nossa época. A paz, porém, não precede a justiça. Por isso a melhor maneira de falar pela paz é fazer justiça (FREIRE, 2000, p.131).

A cada dia, sinto-me ampliando o meu processo de conscientização (FREIRE, 2005b) com relação ao que estudo, leio e vivo. Assim como Lopes (2006), faço a opção pelo atravessamento dos riscos, pondo o meu próprio risco ou minha suposta verdade, oriunda do meu processo de leitura do mundo, em cheque para ser problematizado. “A realidade brasileira demanda a problematização urgente desses riscos. Assim é possível apontar o compromisso dos saberes e das pessoas com a vida e com o vivo” (LOPES, 2006, p.60).

Desta forma, afirmo o meu desejo de construir pontes e estabelecer parcerias, consciente de que o conflito é salutar e parte integrante do caminho. Desde já, agradeço àqueles que me escutam e compartilham comigo as minhas e as suas inquietações. Percebo claramente que o empreendimento deste trabalho com seus possíveis desdobramentos, é uma “tarefa para quem não se quer solitário nos sonhos e nos pleitos da vida” (LOPES, 2006, p.57).

Enfatizamos que não seremos capazes de construir a paz sem cultivá-la no solo fértil da esperança e sem o compromisso ético com a transformação social guiados por uma fé intensa nos homens e mulheres. Para tanto se faz também necessário, que os educadores se percebam como imprescindíveis a essa tarefa, entendendo que não há educação sem projeto de futuro e não há futuro sem que todos se movam utopicamente em sua direção impulsionados pelo sentimento da esperança.

6. Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Ângela. Oficinas de criatividade – deslocamentos e com-posições. In: CUPERTINO, Christina. (org). *Espaços de criação em Psicologia: oficinas na prática*. São Paulo: Annablume, 2008. p.53-74.
- ANDRÉ, Marli Eliza. *Etnografia da prática escolar*. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- BOOF, Leonardo. *Virtudes para um outro mundo possível*. Vol III: comer bem e beber juntos e viver em paz. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006b.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Círculo de cultura. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime. *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. (p.76).
- CIAMPA, Antonio da Costa. Identidade. In: LANE, S.T.M. & CODO, W. *Psicologia social: O homem em movimento*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. p. 58-77.
- DAYRELL, Juarez. Escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, Juarez. (org.) *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996. p.136-161.
- DEMO, Pedro. *Saber pensar*. São paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2000.
- FIGUEIREDO, João Batista. O problema é a questão. In: FIGUEIREDO, João Batista; SILVA, Maria Heleni. *Formação Humana e Dialogicidade em Paulo Freire II: reflexões e possibilidades em movimento*. Fortaleza: UFC, 2009. p.51-79.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.
- _____. *Educação e mudança*. 24ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- _____. *Pedagogia do oprimido*. 42ª ed. Rio de Janeiro, 2005a.
- _____. *Conscientização: teoria e prática da libertação*. 3ªed. São Paulo: Centauro, 2005b.
- _____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 31ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005c.
- _____. *Política e Educação*. 8ª ed. São Paulo: Vila das Letras, 2007.
- FREIRE, Madalena. *Educador, educa a dor*. São Paulo. Paz e Terra, 2008.
- GUIMARÃES, Marcelo. *Um novo mundo é possível*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.
- HAGUETE, Teresa. *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- JARES, Xejus. *Educação para a paz: sua teoria e sua prática*. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

- _____. *Educar para a verdade e para a esperança: em tempos de globalização, guerra preventiva e terrorismos*. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- LOPES, Kleber. A escrita dos riscos e os riscos da escrita: rabiscos sobre juventude e psicologia. In: MATOS, Kelma Socorro Lopes de; ADAD, Shara Jane; FERREIRA, Maria D'Alva. *Jovens e Crianças: outras imagens*. Fortaleza: Editora UFC, 2006. p.56-61.
- LUBART, Tood. *Psicologia da Criatividade*. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- MATOS, Kelma Socorro Lopes de. Juventude, Paz e Espiritualidade: opção por uma prática educativa ético-amorosa. In: IBIAPINA, Ivana; CARVALHO, Maria Vilani (orgs). *A Pesquisa como mediação de práticas socioeducativas*. IV Encontro de Pesquisa em Educação UFPI. Teresina: EDUFPI, 2006 vol.01. p.167-177.
- MILANI, Faizi. "Cidadania: construir a paz ou aceitar a violência?" In: FREITAS, M. *Cidadania mundial, a base da Paz*. Mogi Mirim: Planeta Paz, 2000.
- NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (org). *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.
- OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos criativos*. 14ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.
- O'SULLIVAN, Edmund. *Aprendizagem transformadora: uma visão educacional para o século XXI*. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2004.
- PACHECO, José. *Escola da Ponte: formação e transformação da Educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- RENA, Luiz Carlos. *Sexualidade e adolescência: as oficinas como prática pedagógica*. 2ª ed. Belo Horizonte. Autêntica, 2006.